

# AllyWatch: Vítimas Colaborando para Combater o Assédio Moral e a Violência Sexual no Ambiente Escolar

Bianca R. Alves<sup>1</sup>, Luiza M. Pereira<sup>1</sup>, Alex M. S. Orozco<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal Sul-rio-grandense – Sapucaia do Sul – RS – Brazil

**Abstract.** *This work aims to assist victims of bullying and sexual violence in the school environment. To achieve this goal, we conducted a survey to understand the problem better. The research resulted in the creation of a platform to support victims of these types of violence. The platform allows victims to work together to identify a common perpetrator and facilitates the reporting process. Additionally, victims can share reports of abuse, providing a listening channel. Finally, we validated the platform through a focus group study, which found it to be successful in achieving its goal. The software aims to provide a support network for victims, reducing the gap between the number of cases that occur and those that are reported.*

**Resumo.** *O presente trabalho tem como objetivo auxiliar as vítimas de assédio moral e violência sexual no ambiente escolar. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa para compreender melhor a extensão do problema. Com base nos dados obtidos, foi desenvolvida uma plataforma que dá apoio às vítimas desses tipos de violência, permitindo que estas possam colaborar para detectar quando há um agressor em comum. As vítimas também têm como compartilhar relatos de abusos, ganhando, assim, um canal de escuta. Por fim, foi feita uma validação do sistema por meio de um Estudo de Grupo Focal, e a plataforma proposta foi considerada bem sucedida em seu objetivo. Espera-se que o software sirva como uma rede de apoio entre vítimas, diminuindo a disparidade entre o número de casos ocorridos e denunciados.*

## 1. Introdução

A violência é um problema histórico brasileiro [Bernaski e Sochodolak 2018]. Em um país que surgiu da apropriação de um território já ocupado, da guerra contra os nativos, da escravidão de pessoas trazidas de fora, tudo isso sendo naturalizado por um sistema que defendia o “direito” do colonizador sobre os colonizados, poderia argumentar-se que os índices atuais de crimes violentos são o reflexo de uma crise que existe há mais tempo que o país onde ela se encontra.

Como exemplo desse reflexo, o assédio sexual e o assédio moral foram tipificados na Constituição somente em 2001 e 2006, respectivamente. Por esse motivo, além de outros motivos históricos e culturais, os índices de denúncia ainda são muito menores que os de ocorrência. Um estudo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) afirma que o número estimado de crimes de estupro no país, os quais se encaixariam na categoria de violência sexual, é de 822 mil por ano [Ferreira et al. 2023]. Já o assédio moral é ainda mais difícil de ser identificado, pois sua ocorrência é ainda mais naturalizada, em formas que vão de um xingamento contínuo do chefe de um indivíduo em seu emprego ao *bullying* praticado entre alunos nas escolas do país.

A violência sexual é o delito menos denunciado no Brasil [Williams 2002]. Grande parte das causas da disparidade entre o número de casos ocorridos e o número de casos denunciados são típicas de uma sociedade patriarcal que cresce e se multiplica com o machismo internalizado em suas raízes. A sexualidade, principalmente a feminina, ainda é um tabu, o que torna difícil a educação sexual.

Passando para a prática de assédio moral, as razões para a disparidade entre o número de casos denunciados e ocorridos é similar. O ambiente escolar é um local vulnerável ao assédio moral pois pode refletir ou reproduzir os valores e práticas da sociedade onde está inserido e se torna uma oportunidade para os jovens em seu interior imitarem as suas vivências do ambiente externo à escola. Em tempos de incerteza, medo ou agitação, um ato contra um colega pode ser uma repetição do que está acontecendo no mundo “de fora”. Na maioria dos casos, esse tipo de assédio na escola é caracterizado como *bullying*, e pode passar despercebido por não deixar provas, pois costuma ser praticado com o consentimento de um grupo. As vítimas também têm a tendência de não reagir às agressões porque, se o fizessem, acreditam que seriam ainda mais provocadas e seriam vítimas “piores” do que as outras, se tornando menos populares e mais suscetíveis a serem atacadas novamente [Saada e Woida 2020].

A escola também é um dos espaços onde a violência sexual é encontrada. Ela pode ocorrer de diversas maneiras, como através de comentários ou piadas de cunho sexual, exibição de conteúdo pornográfico, toques não consensuais, coerção para atividades sexuais e até mesmo estupro. O assédio sexual no ambiente escolar tem a tendência de vir de um professor a uma aluna e de ser taxado como um mal-entendido por parte da vítima, que teria, supostamente, interpretado errado as intenções do agressor [Moreira 2016].

Tanto o assédio moral quanto a violência sexual podem ter graves consequências, como a depressão, angústia, estresse pós-traumático, isolamento e a redução da capacidade de relacionar-se com outras pessoas [Melo et al. 2017]. No ambiente escolar, essas sequelas se agravam, pois a maioria das vítimas ainda estão em fase de desenvolvimento cognitivo e uma agressão desse tipo, realizada em um local que tem a obrigação de mantê-las seguras e prepará-las para o mundo, tem ainda mais chance de prejudicá-las psicologicamente e marcá-las para o resto de suas vidas. Portanto, é fundamental que as vítimas desses tipos de crime tenham o suporte que precisam.

Por conta disso, é imprescindível que mais estudos, como o aqui presente, sejam realizados tanto sobre o assédio moral quanto sobre a violência sexual, principalmente fora da esfera de trabalho. O ambiente escolar é um exemplo ideal de alternativa de local a ser estudado, pois os impactos dessas violências em jovens de idade escolar são especialmente prejudiciais. Apesar disso, o tema de assédio moral na área da educação é de escassa referência bibliográfica [Comissão de Ética UFRA 2016], e a situação não é diferente com a violência sexual. Alguns estudos pesquisam os casos de violência sexual detectados pela escola, mas não mencionam a porcentagem desses crimes que realmente ocorrem nesse espaço. Esse é o caso com muitos estudos nesse campo [Viodres Inoue e Ristum 2008]. É necessário compreender a fundo as raízes e a extensão do problema e as formas de combatê-lo, pois dados precisos e atualizados são fundamentais para orientar políticas, programas de prevenção e intervenção. Precisa-se examinar minuciosamente os motivos que fazem com que as vítimas não denunciem e o que faria com que elas denunciasses a violência, dando-as, em sequência, um meio para faze-

rem isso, assim como chamar mais atenção do sistema judiciário à temática, ampliar a conscientização pública em geral e promover uma mudança cultural e social mais ampla, tornando o cumprimento da justiça um objetivo mais próximo e concretizável.

Sendo assim, este trabalho visa auxiliar as vítimas de assédio moral e/ou violência sexual no ambiente escolar. Para isso, foi realizado um estudo do problema, através da realização de uma pesquisa para compreender o assunto. Com as informações obtidas na pesquisa foi desenvolvida uma plataforma, denominada *AllyWatch*, e, por fim, foi feito um estudo de validação dessa plataforma.

## 2. Trabalhos Relacionados

A violência escolar é definida como todos os atos de violência praticados por, e entre, a comunidade escolar (como alunos, professores e funcionários) no ambiente escolar. Como a violência existe com características próprias em cada contexto em que se manifesta, há, na literatura, uma diferenciação entre a violência na escola, a violência da escola e a violência contra a escola, o que facilita a compreensão de suas causas, formas e consequências [Priotto e Boneti 2009].

Santos e outros, em um dos poucos estudos sobre os casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorridos em escolas brasileiras, afirma que a ocorrência do abuso sexual é comum no ambiente escolar. A pesquisa identificou que, entre os anos de 2010 e 2014, houve 2.226 notificações de violência sexual ocorridas na escola contra crianças e adolescentes em todo o território brasileiro. Esse número, entretanto, como em todo registro de violência sexual, pode ser muito menor do que o número de casos ocorridos, pois esse tipo de violência é subnotificado. O tipo de violência sexual mais frequente, nos casos estudados, foi o estupro (60,9%), seguido do assédio sexual (29,7%) e do atentado ao pudor (21,6%), sendo também identificados, em menor proporção, a exploração sexual, a pornografia infantil, entre outros. Segundo os autores, entretanto, o assédio, o atentado ao pudor e os demais tipos de violência sexual são, para jovens em idade escolar, mais difíceis de definir do que o estupro, que é uma forma clara de violência sexual. Por esse motivo, há uma possível subnotificação de casos menos claros desse tipo de violência. Adicionalmente, 63,8% das vítimas eram do sexo feminino e 88,9% dos agressores eram do sexo masculino, sendo 46% dos agressores conhecidos da vítima [Santos et al. 2018].

Além do campo teórico sobre o tema, investigou-se as tecnologias existentes que visam contribuir para combater as formas de violência descritas neste trabalho. o PenhaS é um aplicativo nacional *mobile* desenvolvido pela Revista AzMina, que é um veículo jornalístico que cobre diferentes temas relacionados a gênero. É uma aplicação com a colaboração de mulheres associadas à causa da violência contra a mulher. O aplicativo tem como público-alvo mulheres vítimas de violência [AzMina 2023]. O Minha Voz é outra aplicação nacional *web* gratuita que tem como público-alvo mulheres em situação de violência [Minha Voz 2023]. O *Go Speak UP!* é um aplicativo americano que tem como objetivo ajudar estudantes a denunciar situações de *bullying*, ou qualquer outro tipo de comportamento perigoso, que possa ter ocorrido dentro do ambiente escolar [Go Speak UP LLC 2023]. O *Spot* é uma aplicação *web* americana de denúncia de má conduta que tem como público-alvo pessoas em situação de algum tipo de violência no ambiente de trabalho [Spot 2023].

				
	APLICATIVO MOBILE PARA IOS E ANDROID	PLATAFORMA WEB	APLICATIVO MOBILE PARA IOS E ANDROID	PLATAFORMA WEB
DISPONIBILIDADE				
GRATUIDADE	✓	✓	✓	✗
PÚBLICO-ALVO	MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA	MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA	ESTUDANTES DE ESCOLA PRIMÁRIA OU SECUNDÁRIA E UNIVERSITÁRIOS	VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO TRABALHO
INTERAÇÃO ENTRE USUÁRIOS	✓	✗	✗	✗
PONTOS DE AJUDA	✓	✗	✗	✗
CHAT COM IA	✗	✗	✗	✓
CONTATO DE ESPECIALISTAS	✗	✗	✗	✗

Figura 1. Comparativo de trabalhos relacionados (Fonte: Autoria própria).

## 2.1. Comparação entre as aplicações relacionadas

A fim de realizar a comparação entre as aplicações apresentadas previamente, foram selecionados 7 critérios comparativos, esclarecidos a seguir:

- Disponibilidade: Este critério tem como finalidade comparar as plataformas ou os sistemas operacionais em que os programas selecionados estão disponíveis.
- Gratuidade: Este critério identifica se o *software* é disponibilizado gratuitamente ou com algum custo ao usuário ou empresa que irá implementá-lo.
- Público-alvo: O objetivo deste critério é apresentar as pessoas principais a quem os criadores desejam direcionar e alcançar com o programa criado.
- Interação entre usuários: A interação entre usuários é a possibilidade de uma pessoa que utiliza a plataforma interagir com outra, de diversas maneiras, como: conversando por *chat*, comentando em uma publicação, curtindo uma publicação, etc.
- Pontos de ajuda: Como estamos tratando de violências, os pontos de ajuda são essenciais para possibilitar à vítima o acesso a meios de denúncia, a pontos da área da saúde que disponibilizam ajuda, entre outros. Esses meios podem ser delegacias, coordenadorias da mulher, postos de saúde, etc.
- Chat com IA: O chat com Inteligência Artificial permite que o usuário obtenha respostas instantâneas às suas dúvidas, sem a necessidade de esperar pelo retorno de outro usuário.
- Contato de especialistas: O critério que disponibiliza o contato de especialistas é, também, essencial em casos de violência, para possibilitar o redirecionamento dos usuários a pessoas que possam auxiliá-los em seus casos.

Com isso, a Figura 1 apresenta a comparação entre os trabalhos relacionados. Todas as informações sobre a plataforma *Go Speak UP!* e sobre o *Spot* foram retiradas exclusivamente das descrições fornecidas pelos responsáveis pelos programas, disponibilizadas em seus respectivos *sites* de divulgação, pois ambos só estão disponíveis com o licenciamento de alguma instituição e o segundo é pago, então não foi possível realizar testes nessas plataformas. O *Penhas* e o *Minha Voz*, em contrapartida, foram examinados diretamente, e a informação do público-alvo foi a única retirada de seus *sites* de divulgação. Como pode ser observado no quadro, nenhuma das plataformas selecionadas atendem a todos os critérios binários apontados.

Em relação à disponibilidade, o PenhaS e o *Go Speak UP!* estão disponíveis em aplicativos *mobile* tanto para iOS quanto para *Android*, enquanto o Minha Voz e o *Spot* são plataformas *web*. Referindo-se à gratuidade, o PenhaS, o Minha Voz e o *Go Speak UP!* são disponibilizados gratuitamente, já o *Spot* é pago. O público alvo do PenhaS e do Minha Voz são mulheres vítimas ou possíveis vítimas de violência, pois um dos objetivos desses programas é ajudar a vítima a identificar a violência ocorrida. O *Go Speak UP!* tem como alvo estudantes tanto de escolas primárias e secundárias. O público alvo do *Spot* são vítimas de violência no trabalho.

No que diz respeito à interação entre usuários, o PenhaS é o único comparado que tem essa funcionalidade. Ele faz isso por meio de um *feed* de publicações. O Minha Voz possui uma espécie de *feed* também, mas permite somente visualizá-las. O *Go Speak UP!* não possui nenhuma espécie de interação entre usuários, pois as denúncias vão direto ao administrador do aplicativo por parte da escola. Por fim, o *Spot* também não tem interação alguma entre usuários, pois as denúncias vão diretamente ao administrador da plataforma por parte da empresa. O PenhaS, novamente, é o único que possui a possibilidade de visualizar pontos de ajuda. O *Go Speak UP!* e o *Spot* não possuem pontos de ajuda adicionais ao próprio local onde a violência ocorreu. O Minha Voz não possui nada parecido com essa funcionalidade.

Quanto ao *chat* com uma inteligência artificial, o *Spot* é a única plataforma que tem essa possibilidade. Ele utiliza a IA, justamente, para ajudar o usuário, vítima de violência, a denunciar corretamente o ocorrido à empresa em que trabalha e, se desejar ir além, a órgãos legais. O PenhaS, o Minha Voz e o *Go Speak UP!* não possuem nada parecido com essa funcionalidade. Nenhum dos programas analisados disponibiliza o contato de especialistas que possam ser úteis às vítimas de violência, tanto para auxiliá-la a compreender o impacto legal do que ocorreu quanto para ajudá-la a conviver com as consequências do ocorrido, por exemplo, como advogados ou psicólogos.

### **3. Metodologia**

#### **3.1. Pesquisa sobre o assédio moral e a violência sexual no ambiente escolar**

A fim de compreender melhor a ocorrência de assédio moral e violência sexual dentro do ambiente escolar, assim como o entendimento destes conceitos por parte dos membros da comunidade acadêmica, foi realizada uma coleta de dados por meio de um questionário aplicado aos alunos - tanto dos cursos técnicos quanto aos alunos do curso de graduação, servidores, técnicos administrativos e servidores terceirizados do IFSul Câmpus Sapucaia do Sul. O questionário foi aplicado através da ferramenta *Google Forms*, de forma livre e anônima, com questões de múltipla escolha e questões abertas para livre expressão, onde foi respondido por um total de 200 pessoas, sendo elas 186 estudantes, 9 professores e 3 técnicos administrativos. Não foram registradas respostas de servidores terceirizados.

A maior parte dos entrevistados são jovens adultos ou adolescentes, sendo que a maioria dos participantes (46%) têm de 18 a 21 anos de idade, seguidos por uma grande quantidade de pessoas (22,5%) de 14 a 17 anos. Quanto aos gêneros dos participantes, 94 são mulheres cisgênero, 93 são homens cisgênero, 8 são pessoas não-binárias, 3 são homens trans e 1 delas é uma mulher trans, assim como 1 dessas pessoas é de gênero fluido.

Em seguida, foi perguntado se a pessoa sabia o que é o assédio moral, onde 183 afirmaram saber o que isso significa e 17 afirmaram não saber. Depois disso, era disponibilizada uma breve explicação do significado de assédio moral, junto com alguns exemplos de incidências comuns. Os participantes eram, então, questionados se, após essa explicação, eles estavam corretos em afirmar que sabiam o que é o assédio moral. A grande maioria (85,5%) afirmou que mantém-se firme em sua convicção de compreender o significado do termo, seguidos, em números, por pessoas que acreditavam não ter conhecimento, porém acham, após a explicação, que compreendem o que ele é (6,5%) e somente 8% admitem não saber o que é o assédio moral antes e depois da explicação oferecida.

As mesmas questões foram feitas sobre a violência sexual. Dos 200 participantes, 194 afirmaram saber o que é a violência sexual, enquanto 6 afirmaram não saber. Após a explicação do significado de violência sexual, 187 pessoas afirmaram que mantinham sua resposta de que sabiam o que ela significa, 6 disseram que se enganaram ao afirmar que sabiam, 5 declararam que se enganaram ao afirmar que não sabiam e 2 disseram que estavam corretos ao afirmar que não compreendiam o significado do termo. Percebe-se que a violência sexual é mais compreendida, em comparação com o assédio moral (97% afirmaram saber o que é a violência sexual, comparado a 91,5% do assédio moral). Isso pode originar-se do fato de que ela, normalmente, é mais visível, mais tangível e, portanto, mais facilmente detectável. Ato de ambos os tipos de violência, tanto o assédio moral quanto a violência sexual, são enraizados na presente sociedade, porém o assédio moral tende a apresentar-se de forma mais sutil e suas ações podem parecer comuns.

A próxima pergunta do questionário tem como propósito identificar quantos dos participantes já sofreram algum tipo de assédio moral ou violência sexual no ambiente escolar ou quantos desconfiam que algo do tipo já ocorreu com eles. Das 200 respostas, 111 afirmaram nunca ter sofrido nenhum dos dois, 44 afirmaram ter sofrido somente assédio moral no ambiente escolar e 27 afirmaram desconfiarem que sofreram somente esse tipo de violência; 8 pessoas afirmaram ter sofrido tanto assédio moral quanto violência sexual no ambiente escolar e 5 pessoas disseram que desconfiam que sofreram ambos; 4 pessoas afirmaram terem sofrido somente violência sexual e 1 pessoa afirmou que desconfia que sofreu somente violência sexual.

Das duas violências, o assédio moral é a mais frequente sofrida pelos entrevistados dentro do ambiente escolar, tendo, no total, 84 participantes que sofreram ou desconfiam que tenham sofrido ações características dele. Enquanto isso, 18 pessoas afirmaram que sofreram ou desconfiam que sofreram violência sexual dentro desse ambiente. Entretanto, é válido lembrar o que foi dito na revisão de literatura do presente estudo: a violência sexual é um dos tipos de agressão menos denunciado, e a quantidade de casos ocorridos é sempre maior que a quantidade relatada em questionários como este. Portanto, estes são somente os casos em que as vítimas sentiram-se confortáveis o suficiente para relatar o ocorrido.

Adicionalmente, foi questionado se o participante presenciou ou ouviu falar sobre situações que poderiam ser consideradas assédio moral ou violência sexual no ambiente escolar. Dos 199 respondentes, 74 afirmaram nunca terem presenciado ou ouvido falar sobre casos de nenhum dos dois, 61 falaram que presenciaram ou ouviram falar somente sobre um caso de assédio moral, 12 afirmaram terem presenciado ou ouvido falar somente

sobre um caso de violência sexual e 52 pessoas ouviram falar sobre ou presenciaram casos de ambos. É visível que, enquanto o número de casos de assédio moral aumentou em 34% (113), em relação aos casos vividos (84), o número de casos de violência sexual presenciada (64) aumentou muito mais - em 255% - se comparado ao número de casos de violência sexual vividos (18) - isso pode ser um indício que ela é muito mais comum do que as respostas na pergunta anterior levam a acreditar, porém que as vítimas de violência sexual sentem-se menos confortáveis do que as vítimas de assédio moral para falar sobre o ocorrido.

Então, foi perguntado ao participante se a situação de assédio moral havia sido denunciada, seja por ele mesmo ou por outra pessoa. Das 187 respostas obtidas, 90 afirmavam que a denúncia não havia sido realizada e 40 afirmavam que ela havia sido feita, enquanto 47 pessoas não sabiam se ela havia tomado forma. Isso mostra que, apesar do prejuízo do assédio moral à vida escolar e à vítima, muitas pessoas não sentem-se confortáveis denunciando-o, e a banalização dessa agressividade dentro do ambiente escolar é ampliada. O número de pessoas que presenciaram um caso de assédio moral porém não sabem se ocorreu uma denúncia também é alarmante (47), pois isso define as expectativas comuns e faz com que menos pessoas sintam-se seguras para denunciar casos de assédio moral, pois elas não ouvem falar de casos que conseguiram ser denunciados e onde consequências aos agressores foram procuradas, o que pode desencorajá-las a procurar ajuda.

Em seguida, no caso de o participante em si não ter denunciado a situação que viveu ou presenciou, ele era questionado sobre o motivo pelo qual não fez isso. Das 141 respostas obtidas, 55 pessoas afirmaram que não denunciaram por não saber se o ocorrido era realmente assédio moral, 19 alegaram ter medo de não serem acreditadas, 8 disseram sentir medo do agressor, 29 declararam ter vergonha de denunciar, 9 falaram que sentem culpa pela situação, 11 afirmaram ter medo de reviver a experiência e 40 disseram que têm medo de realizarem a denúncia porém o agressor não ser culpabilizado. Adicionalmente, 27 pessoas não sabiam onde ou como denunciar e, das pessoas que presenciaram uma situação de assédio moral, 10 afirmaram que acreditavam que não era dever delas denunciarem.

Portanto, pode-se argumentar que um dos motivos principais da falta de denúncia do assédio moral é a falta de informação sobre o fenômeno. Seja o desconhecimento das ações que podem ser classificadas como assédio moral ou a falta de locais para relatar o ocorrido, a ignorância pode fazer com que inúmeros agressores não enfrentem as repercussões de seus atos. Logo, o compartilhamento de informações sobre canais que oferecem ajuda e a construção de uma cultura onde atos violentos são enxergados como tal são fundamentais. Além disso, a falta de consequências aos agressores que são denunciados é outro fator de peso considerável ao motivo pelo qual as pessoas não denunciam o assédio moral. Como foi dito anteriormente, a falta de casos onde as ações de um agressor têm uma repercussão apropriada a este estabelecem expectativas comuns a quem convive com isso, e faz com que vítimas de outros agressores, no futuro, não sintam que suas queixas farão alguma diferença. Isso causa um ciclo vicioso, onde ninguém se sente bem denunciando porque ninguém denunciou anteriormente - o que não traz benefícios a pessoa alguma além do próprio agressor.

Os participantes foram questionados também sobre o que eles acreditam que faria com que eles tivessem denunciado os casos, tanto de assédio moral quanto de violência

sexual. De longe, a resposta mais repetida foi que o participante teria denunciado o caso se houvesse uma certeza de que haveria uma punição adequada aos agressores. Por fim, alguns participantes disseram que acreditam que teriam denunciado o ocorrido se houvesse mais apoio à vítima, com um sistema eficiente de suporte psicológico e com um sistema anônimo de denúncia, para que os agressores não pudessem descobrir a origem desta.

Em seguida, os participantes que sofreram ou desconfiaram que sofreram violência sexual no ambiente escolar foram solicitados a compartilhar a situação ocorrida. A maioria dos relatos vieram de pessoas que viveram ou presenciaram uma violência sexual vinda de um professor. Quanto à violência sexual vinda de alunos, algumas pessoas falaram que presenciaram estes tocando em outros alunos. Foram percebidos que vários casos de violência sexual foram relatados como assédio moral, mesmo com a grande maioria das pessoas entrevistadas tendo afirmado saber o significado tanto do assédio moral (91,5%) quanto da violência sexual (97%), antes e depois de uma explicação ser fornecida. Adicionalmente, essa confusão de ambos os termos e de suas respectivas ações características reforça a importância da propagação de informações sobre ambos, pois a distinção entre violências torna-as mais facilmente categorizadas, melhor estudadas e, conseqüentemente, melhor entendidas e, com sorte, mais amplamente combatidas.

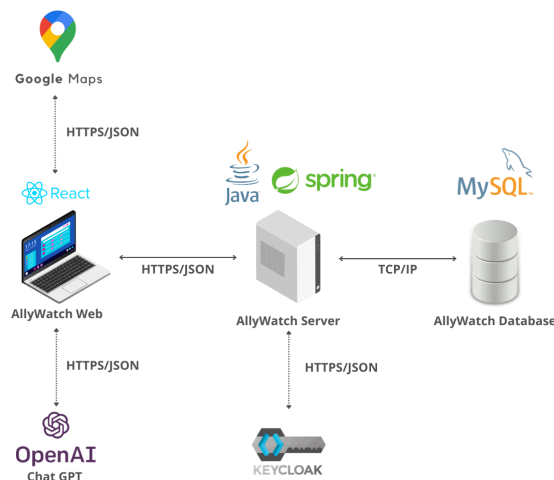
Então, os participantes foram questionados sobre a frequência da ocorrência da violência sexual que eles viveram ou presenciaram. Essa informação não foi solicitada sobre o assédio moral, pois ele, por sua própria definição, ocorre repetidamente. Dos 74 participantes que responderam, 37 afirmaram que a violência ocorreu mais de uma vez, enquanto 18 afirmaram que ela ocorreu somente uma vez, e 19 afirmaram não saber. Na sequência, foi perguntado o papel do agressor na violência sexual dentro da instituição de ensino. Das 72 respostas fornecidas, 39 afirmavam que o agressor era um professor e 36 afirmavam que ele era um aluno - podendo haver casos, nesses dados, onde haviam mais de um agressor, de funções diferentes - enquanto nenhuma agressão sexual perpetrada por um técnico administrativo ou por um servidor terceirizado foi relatada, e 8 pessoas não sabiam o papel do agressor dentro da escola.

### **3.2. Plataforma AllyWatch**

Com base nos dados obtidos nos questionários, foi desenvolvida a plataforma *AllyWatch*, permitindo que uma vítima possa publicar relatos sofridos envolvendo assédio moral ou violência sexual no ambiente escolar. Ao fazer o relato, a vítima pode incluir o nome da pessoa que cometeu o abuso, porém essa informação não será publicizada. Quando duas ou mais vítimas tiverem um agressor em comum, a plataforma permite que elas conversem entre si através de um *chat*, de forma que podem esclarecer se realmente é o mesmo abusador, combinarem de formalizar uma denúncia coletiva, além de criar uma rede de apoio. Outros usuários podem curtir, comentar ou denunciar um relato, porém nunca de forma anônima. Além disso, caso a pessoa tenha dúvidas se a situação sofrida configura um abuso, a plataforma permite que o usuário sane-as com o *Chat GPT*. A plataforma também mostra em um mapa os pontos de apoio mais próximos, além de permitir que especialistas, como psicólogos e advogados, possam se cadastrar na plataforma e oferecer serviços. O *AllyWatch* é uma plataforma *web*, onde a visão geral do sistema é ilustrada na Figura 2.

No *AllyWatch Web*, é disponibilizada uma interface visual ao usuário, que foi de-





**Figura 2. Visão Geral da Plataforma (Fonte: Autoria própria).**

envolvida utilizando a biblioteca *ReactJS*. As informações serão enviadas ao e recebidas do *AllyWatch Server*. Neste servidor *web*, também serão feitas requisições a APIs externas, como à *OpenAI*, para consultas à API do *Chat GPT*, e à API do *Google Maps*, para a procura por locais de ajuda próximos à vítima. Para a autenticação, é utilizado o gerenciador de autenticação *Keycloak*. No *Server*, as requisições serão recebidas e validadas e, se necessário, registradas no *AllyWatch Database*. A Figura 3 ilustra algumas telas da plataforma.

Cabe ressaltar que, atualmente, as denúncias realizadas na plataforma são recebidas pelo gestor da plataforma, sendo este a pessoa responsável pela direção da escola ou alguém designado pela direção para tal. Este trabalho não visa abordar os processos de encaminhamento e tratamento das denúncias, tendo em vista as particularidades de cada instituição sobre como conduzir esses processos.

### 3.3. Validação da Plataforma

A fim de avaliar a aplicabilidade do *AllyWatch*, foi feita uma pesquisa por meio do método Grupo Focal com estudantes, para uma melhor compreensão da percepção deles sobre a plataforma. Primeiramente, para garantir uma realização adequada, foi definido o objetivo do estudo: descobrir se a ferramenta *AllyWatch* é capaz de atender e auxiliar as vítimas de violência escolar. Em seguida, o perfil e a quantidade de participantes foram determinados. Foram convidados oito estudantes de 18 a 21 anos. Além disso, quatro participantes eram do gênero masculino e quatro eram do gênero feminino. Para a execução do estudo de grupo focal, foi feito um treinamento prévio com os participantes, para que eles pudessem, posteriormente, dar suas opiniões sobre a plataforma. Esse treinamento foi proposto com etapas pré-estabelecidas, para que todas as funcionalidades da plataforma fossem utilizadas, com duração de dez minutos. Após essa etapa de treinamento, foi destinado um período de trinta minutos para os participantes usarem a plataforma, e em seguida seriam realizadas algumas perguntas a fim de guiar a discussão. Essas perguntas foram divididas entre duas etapas: perguntas gerais sobre a violência escolar e a utilização da tecnologia para combatê-la e perguntas sobre o sistema proposto. As perguntas gerais foram:



Figura 3. Telas da plataforma (Fonte: Autoria própria).

- Q1) Pelo que vocês já presenciaram ou viveram e por informações de fora, como imaginam que é o cenário da violência escolar no Brasil?
- Q2) Vocês acham que a tecnologia em geral poderia auxiliar as vítimas de violência escolar? Citem aspectos positivos e negativos.

Enquanto as perguntas sobre o *AllyWatch* foram as seguintes:

- Q3) O sistema foi de fácil uso? Se não, qual foi a dificuldade?
- Q4) Se vocês fossem vítimas de violência escolar, vocês usariam essa ferramenta? As funcionalidades os atenderiam?
- Q5) Quais os aspectos positivos que vocês viram na ferramenta? O que poderia melhorar?
- Q6) No geral, vocês acham que a ferramenta atende as vítimas de violência escolar e pode ajudá-las?

Depois da fase de treinamento, foi iniciada a discussão (com duração de vinte e cinco minutos), questionando o grupo em relação a questões gerais acerca da violência escolar e da tecnologia como ferramenta contra essa, e seguiram-na questionando-os sobre a utilização da aplicação, como foi citado previamente.

Em relação à Q1, todos os participantes entraram em consenso que a violência escolar no país é extremamente frequente e normalizada, e que não é levada a sério por conta disso. O *bullying*, citado com frequência na coleta de dados, foi mencionado novamente como algo muito comum. Muitos participantes, inclusive, citaram que era algo “normal”. Todos os relatos e comentários do grupo, portanto, revelaram o desenvolvimento de uma cultura permissiva à violência dentro do ambiente escolar. Quanto à Q2, foi consenso geral que a tecnologia possui um lado positivo e um lado negativo. Como lado positivo,

foi dito que a quantidade de informações disponíveis na *internet* pode facilitar a compreensão de um indivíduo acerca das consequências que a violência pode ter e pode fornecer à vítima uma rede de apoio. Em seu lado negativo, ela pode instrumentalizar pessoas com más intenções e dar-lhes uma plateia.

Acerca da Q3 e Q4, os participantes disseram que sim, usariam a plataforma nessa situação, e que seria muito mais fácil desabafar ou denunciar ali, *online* e anonimamente, do que em um lugar físico, onde haveria uma exposição maior, e no momento após a violência ter acontecido, a vítima tem a possibilidade de utilizar o *site* a fim de preparar-se para fazer uma denúncia formal, tendo toda uma rede de apoio a seu dispor. Em casos recentes, ela poderia considerar que não é algo sério, porém, ao utilizar a função *ChatGPT* e ele informar que poderia ser, de fato, uma violência que deve ser tratada com seriedade, isso pode incentivá-la a fazer uma denúncia formal. Além disso, foi lembrado que, às vezes, a vítima não sabe direito o que aconteceu, porém está abalada emocionalmente, e fazer uma publicação na plataforma pode fazê-la sentir-se melhor.

Na Q5, foi lembrado que, muitas vezes, uma violência não é denunciada porque a vítima sente-se intimidada. Portanto, encontrar uma comunidade que a entende ou até mesmo ver um histórico de pessoas que passaram por algo parecido pode deixá-la mais confortável para denunciar o caso, e as ferramentas disponíveis na plataforma fazem com que essa denúncia ocorra de forma descomplicada. Durante a utilização da plataforma, a funcionalidade do *ChatGPT* teve sucesso entre os participantes. Eles disseram que utilizaram ela informando um possível caso de violência escolar e a inteligência artificial explicou de forma correta o que poderia ser feito perante a situação, o que poderia influenciar alguém a pedir ajuda. Por fim, ao tratar da Q6, todos os participantes concordaram que, sim, a ferramenta atende e pode auxiliar as vítimas de violência escolar, como assédio moral e violência sexual. Foi dito que ela tem todo o potencial para fazê-lo e foi recomendado que ocorra uma ampla divulgação às instituições de ensino, pois os participantes comentaram que consideraram a plataforma funcional, bem elaborada e que cumpre seu objetivo. Cabe ressaltar que essas considerações são apenas impressões dos participantes, pois não foi realizada uma avaliação completa de usabilidade e experiência do usuário.

#### **4. Considerações Finais**

A violência é comum na sociedade brasileira como um todo. Porém, no ambiente escolar, algumas formas de violência são mais frequentes do que outras. A violência sexual e o assédio moral, ambos, principalmente, vindos de professores contra alunos ou de alunos contra outros alunos, são particularmente comuns, porém sub-notificados. Essa falta de denúncias vem, geralmente, da falta de informações sobre os assuntos ou de um sentimento de impotência, por conta da falha de ação nos casos onde uma queixa chega a ser feita. Em um ambiente onde a maioria dos indivíduos ainda estão em desenvolvimento cognitivo e psicológico, a convivência com a violência pode resultar em um crescimento individual marcado por adversidades e mazelas, além de uma naturalização geracional da violência, pelo fato da escola conter os indivíduos que irão compor a parte funcional da população no futuro próximo, ambos os quais trazem diversos prejuízos ao indivíduo e à sociedade em geral.

Como trabalho futuro, pretende-se implantar a plataforma em uma rede de escolas,

a fim de possibilitar a obtenção de dados em escala maior sobre a realidade da violência sexual e do assédio moral no ambiente escolar, assim como aperfeiçoar o sistema, de forma a contribuir para o combate desses tipos de violência em um local que deveria ser sinônimo de segurança e acolhimento - o ambiente escolar.

## Referências

- AzMina (2023). PenhaS. Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/penhas/>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Bernaski, J. e Sochodolak, H. (2018). História da violência e sociedade brasileira. *Oficina do Historiador*, 11(1):43–60.
- Comissão de Ética UFRA (2016). Guia informativo ii – ceu – assedio moral. Disponível em: <https://ceu.ufra.edu.br/images/infoII.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Ferreira, H., Coelho, D., Cerqueira, D., Alves, P., e Semente, M. (2023). *Elucidando a prevalência de estupro no Brasil a partir de diferentes bases de dados*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- Go Speak UP LLC (2023). Go Speak UP! Disponível em: <https://www.gospeakup.com/>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Melo, R., Melo, R., e Isaías, S. (2017). A evolução histórica do assédio moral nas relações de trabalho no brasil e no mundo. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/57476/a-evolucao-historica-do-assedio-moral-nas-relacoes-de-trabalho-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Minha Voz (2023). Minha Voz. Disponível em: <http://minhavoiz.com/violencia-contramulher>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Moreira, F. (2016). *Violência de gênero na escola: abuso/assédio sexual e relações de poder*. TCC (especialização em gênero e diversidade na escola), Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Priotto, E. e Boneti, L. (2009). Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, 9(26):161–179.
- Saada, S. e Woida, L. (2020). Assédio moral nas escolas de ensino médio: Com um estudo de caso em uma escola paulista de ensino médio. *Revista Conhecimento Inovação*, 1(1).
- Santos, M., Mascarenhas, M., Rodrigues, M., e Monteiro, R. (2018). Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola - brasil, 2010-2014. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 27(2).
- Spot (2023). Spot. <https://talktospot.com/index>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Viodres Inoue, S. e Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia*, 25(1):11–21.
- Williams, L. (2002). Abuso sexual infantil. In Guilhardi, H., Madi, M., Queiroz, P., e Scoz, M., [Org.], *Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento*. ESETec.